



Quando os deuses copulavam: a sexualidade da deusa Inanna no Antigo Oriente Próximo.

When the gods copulated: sexuality of the goddess Inanna in the Ancient Near East.

Simone Aparecida Dupla
Mestranda em História (Bolsista CAPES/Araucária)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
cathain_celta@hotmail.com

RESUMO:

A sexualidade na Antiga Mesopotâmia esteve relacionada ao mundo divino. As práticas sexuais das divindades se punham como modelo nas relações sociais e na interação entre os seres humanos e o mundo espiritual. Assim, nos propomos a apresentar algumas considerações acerca das interpretações já realizadas sobre a faceta de Inanna como deusa do amor, aspecto que engloba o sexo ritualístico expresso no chamado casamento sagrado. A abordagem apresenta um breve panorama acerca da temática e alguns caminhos possíveis para sua (re)interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Inanna, Mesopotâmia, Práticas sexuais.

ABSTRACT:

Sexuality in Ancient Mesopotamia was related to the divine world. The sexual practices of the deities are put as a model in social relations and interaction between humans and the spirit world. Thus, we propose to present some considerations about the interpretations already made on Inanna facet as goddess of love, an aspect that encompasses the ritualistic sex expressed in the so-called sacred marriage. The approach provides a brief overview about the theme and some possible ways to (re) interpretation.

KEYWORDS: Inanna, Mesopotamia, Sexual practices.

Introdução

A região de Sumer, espaço conhecido também como Baixa Mesopotâmia, está localizado na região que hoje corresponde ao território de Bagdá, estendo-se até o Golfo Pérsico. Este era constituído por uma planície aluvial desértica formada a partir dos sedimentos depositados pelos



rios Tigres e Eufrates.¹ Nessa localidade, diversos reinos e impérios se edificaram, cada qual construindo uma realidade que compunha seu mundo social, sendo que, o ponto de vista religioso, pode ser apontado como uma das arestas que sustentava essa sociedade.

Nela números deuses faziam parte do panteão edificado, tais como An², Enlil³, Ereskigal⁴, Enki⁵, Nanna⁶ e Inanna⁷, sendo a última categorizada como uma das divindades mais complexas, visto que seus atributos e funções não se restringiam a uma única especificidade. Tal referência fez com que seu status tenha sido revisitado pelos pesquisadores nas últimas décadas, cuja tentativa era compreender outros elementos alusivos as suas múltiplas facetas.

As considerações já realizadas acerca dessa deusa, no que concerne a suas funções, atuação e modelo comportamental podem ser apontados como controversos, haja vista que, as interpretações acerca do divino nesta região foram obra de historiadores diversos, sendo que os mesmos não comungam das mesmas diretrizes historiográficas para a construção da narrativa histórica, isso porque as reconstruções e releituras dos acontecimentos dependem do lugar que os historiadores ocupam nos conflitos de seu tempo.

Tais encaminhamentos nos levam a questionar algumas abordagens já realizadas, na tentativa de desconstruir e reavaliar uma leitura que fuja a juízo de valores e análises paradigmáticas e se encaminhe para uma leitura de cultura plural. No entanto, torna-se essencial traçar um percurso em relação ao tema para compreender os conceitos empregados e suas finalidades momentâneas, uma vez que a discussão sobre o assunto está longe de se esgotar.

Inanna era a terceira participante da tríade astral mesopotâmica, posicionando-se atrás de An (deus do Céu) e Enlil (deus do ar). Para autores como Samuel Noah Kramer⁸, Jean Bottéro⁹, Joaquín de Sanmartín¹⁰ e Maria Vazquez Hoys¹¹ ela foi a mais importante representante feminina

¹ KRAMER, S.N. *A história começa na Suméria*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997, 280p.

² Deus dos céus.

³ Deus do ar.

⁴ Deusa do Mundo Inferior.

⁵ Deus da sabedoria.

⁶ Deus lunar.

⁷ Seu nome quer dizer Senhora dos Céus, mas suas atribuições iam além de seus apelativos como deusa do amor e da guerra.

⁸ Ver: BOTTÉRO, Jean; KRAMER, S.N. *Cuando los dioses hacían de hombres: mitología mesopotâmica*. Traducción: Francisco J. G. García. Madrid: Akal, 2004, 765p.; KRAMER, S. N. *El Matrimonio Sagrado em la Antigua Sumer*. Barcelona: AUSA, 1999

⁹ Ver: BOTTÉRO & KRAMER. *Cuando los dioses hacían de hombres*; BOTTÉRO, Jean. *No principio eram os deuses*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2006, 207p.; _____. *La religión más antigua: Mesopotamia*. Madrid: Trotta, 2001, 268p.

¹⁰ Ver: LÓPEZ, Jesus; SANMARTÍN, Joaquín. *Mitología y Religión del Oriente Antiguo I. Egipto- Mesopotamia*. Barcelona: AUSA, 1993, 563p.

¹¹ Ver: HOYS, Ana M^a Vasquez. *Historia de las religiones antiguas*. Tomo I (Próximo Oriente). Madrid: Sanz & Torres, 2006, 655p.



do panteão, a tal ponto que eclipsou outras deidades, chegando o seu nome semítico, Ishtar, ser sinônimo de deusa, ou seja, representando assim qualquer divindade feminina.

As funções e atributos de Inanna eram complexos e variados, como disse Thorkild Jacobsen “ela parece ter uma mão em quase tudo e é justamente denominada *Nin-me-sar-ra*, ‘Senhora de uma miríade de serviços’¹², pois, embora a divindade tenha sido considerada, deusa da chuva, da guerra, estrela do amanhecer e do entardecer e deusa das prostitutas, esses epítetos ainda estão longe de esgotar sua natureza.

Dessa forma, nesse texto, nos propomos a apresentar algumas considerações acerca da faceta de Inanna como a deusa do amor, aspecto que engloba o sexo ritualístico expresso no chamado casamento sagrado. A abordagem apresenta um breve panorama acerca da temática e alguns caminhos possíveis para sua (re)interpretação.

O *Hieros gamus* e seus caminhos

O tema da sexualidade¹³ é abordado por diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a História, a Etnologia, a Psicologia, entre outras, as quais buscam compreender sua relação com aspectos concretos e ideológicos da sociedade, uma vez que as práticas sexuais e seu modo de interpretação estão presentes em todos os agrupamentos humanos. Nas sociedades antigas, por exemplo, estiveram envolvidas em diversos campos, entre eles o religioso e político, como forma de legitimação de grupos dominantes, mas, também, como forma de desvios de normas de conduta e valores.

Na Mesopotâmia, a perspectiva da sexualidade é objeto de diversas análises, tanto atuais quanto pretéritas, cujos caminhos já trilhados estão relacionados a diversos olhares, como por exemplo, os tradicionalistas¹⁴, cuja vinculação está atrelada aos cultos à fertilidade, além de outras

¹² JACOBSEN, Thorkild. *The Treasures of Darkness: a history of mesopotamian religion*. New Haven and London: Yale University Press, 1976, p. 141.

¹³ O termo sexualidade é utilizado aqui em sentido amplo, não diz, portanto respeito apenas ao coito, mas tudo aquilo que envolve ou proporciona prazer, seja com contato físico, com olhar, ou com sentir-se atraente ou proporcionar desejo. Assim, afetividade, impulso, desejo, toque, libido, sensualidade, erotismo são aspectos que fazem parte da sexualidade. Uma possível conceituação encontra-se na discussão de Paulo Bearzotti, sobre o conceito de sexualidade proposto por Freud como sendo: “uma energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível variações quantitativas e qualitativas, vinculadas à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação”. Ver: BEARZOTTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arq. Neuro-Psiquiatr.*, vol.52, no.1, 1994, p.113-117.

¹⁴ Inspirados nos estudos de James Frazer que veremos a seguir.



que perpassam por visões de cunho feminista, as quais buscam o resgate de aspectos femininos da divindade¹⁵.

No que concerne à questão da sexualidade divina, que era uma característica da religião dessa sociedade, a prática sexual dos deuses era uma atividade inclusa, cujas narrativas mencionam a relação física como uma hierofania¹⁶ e/ou como um ato criacional¹⁷, na qual os deuses copulavam, viviam romances e aventuras, assim, ejacular, copular ou ter prazer era um ato de criação e de manifestação das divindades.

Nesse caso, o encontro amoroso e sua relação com o divino foi compreendido pelos pesquisadores como relacionado ao casamento sagrado. Essa atitude se deve as abordagens realizadas pelos estudiosos da religião, no século XIX, a qual estava baseada no termo grego *hierogamos*, que foi utilizado por Homero para descrever a união entre Demeter e o mortal Jasão¹⁸. A obra mestra para a perpetuação dessa ideia de *hierogamos* foi o *Ramo de Ouro*, de Sir James Frazer, que interpretou que qualquer tipo de união sexual em contexto religioso como casamento sagrado para promover a fertilidade, o que, de certa maneira, contribuiu para a simplificação da temática.

A partir de então, o termo passou a designar qualquer união entre um ser divino e um mortal ou entre divindades.¹⁹ Nessa medida, a perspectiva do casamento sagrado ficou apenas vinculada aos cultos à fertilidade, o que tornou fácil a associação do intercuro a culturas cujos meios de subsistência provinham da agricultura e da pecuária, os chamados cultos aos deuses da vegetação.

Nesse sentido, a interpretação dada inicialmente por pesquisadores como Henri Frankfort²⁰ e Samuel Noah Kramer²¹ teve a influência de Sir James Frazer, e associavam as leituras sobre Inanna à fertilidade, uma vez que, a divindade, em diversos documentos, foi

¹⁵ Ver: OTTERMANN, Monika. *As brigas divinas de Inanna: reconstrução feminista de repressão e resistência em torno de uma deusa suméria*. São Paulo: UNESP, 2008. ; STONE, M. *When God Was a Woman: the landmark exploration of the ancient worship of the Great Goddess and the eventual suppression of women's rites*. Orlando: Harvest/Harcourt Brace, 1976.

¹⁶ Etimologicamente quer dizer *algo de sagrado se nos revela*, isto é, as manifestações das realidades sagradas. Ver: ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 1ª ed. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 109p.

¹⁷ A partir do qual algo é criado, dado a existir.

¹⁸ A autora se refere à Odisseia.

¹⁹ PONGRATZ-LEISTEN, B. *Sacred Marriage and the Transfer of Divine Knowledge: Alliances between the Gods and the King in Ancient Mesopotamia*. In: *Sacred Marriages: Divine-Human Sexual Metaphor from Sumer to Early Christianity*. Indiana: Eisenbrauns, 2008.

²⁰ Idem, p 47.

²¹ FRANKFORT, Henri. *Reyes y dioses: estudio de la religión del Oriente Próximo en la Antigüedad en tanto que integración de la sociedad y la naturaleza*. Madrid, Alianza, 1998, 512p.

²² KRAMER. *El Matrimonio Sagrado em la Antigua Sumer*.



chamada de Senhora da Vegetação, promovia a abundância de campos e animais e sua cidade de patronato, Uruk, foi constantemente referida como a região dos pomares. Além disso,

Toda a canção de amor, cada hino que mencionava Inana e Dumuzi, bem como todo o artefato arqueológico com cenas sexuais, foram automaticamente classificados como pertinentes a um ritual "Casamento Sagrado", que tinha como objetivo de perpetuar a Fertilidade. Uma noção ainda corrente entre eminentes assiriólogos contemporâneos.²²

Beate Pontgratz-Leisten aponta que uma das principais metáforas para expressar a estreita ligação entre os deuses e o rei na Mesopotâmia seria o casamento sagrado. A autora acredita que o *hieros gamos* podia assumir muitas formas, entre eles destaca três modelos usados pela sociedade mesopotâmica: a cosmogonia, que seria união entre os elementos cósmicos do Céu e da Terra; a hierogamia, união entre a deusa e o rei e a teogamia, união entre um ser divino masculino e uma feminina.²³

Para a autora, a cosmogonia estaria restrita principalmente aos textos literários, enquanto a hierogamia e a teogamia encontraria lugar dentro de um complexo processo de comunicação entre as divindades e o rei. Por isso, eles se tornam parte de narrativas e rituais que regulam a interação entre o divino e as esferas humanas.²⁴ Acreditamos que essa afirmativa possa ser complementada, pois o rei agia como representante legítimo do povo, por vezes como o avatar da humanidade, outras, como avatar de outros deuses, os quais não apenas legitimava sua estada no poder, como o autorizava a representar a comunidade.

Assim Inanna traz em suas personificações desde o Período Proto Dinástico²⁵, sua estreita relação com a sexualidade divina. Ela mesma filha de potestades, logo, gestada em uma teogamia, cujos genitores se originaram de uma cosmogonia, portanto, a divindade aparece, como a última ponta do triângulo das práticas sexuais sagradas: a hierogamia, e ao mesmo tempo era herdeira das outras duas.

Essa comunicação com os deuses era também uma via de mão dupla, pois as representações de cunho macroscópico eram reencenadas no microcosmo. Assim a relação entre o rei e uma divindade, ou entre duas deidades poderiam ser reencenada por pessoas comuns, com intuito de se aproximar do universo sagrado ou de inseri-lo em ambientes profanos.

²² LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*. New York: Taylor & Francis, 2003, p. 5.

²³ PONGRATZ-LEISTEN. *Sagred Marriages*, p. 44.

²⁴ _____. *Sagred Marriages*, p. 45.

²⁵ Aproximadamente 2700. Baseado na Lista de Reis e na epopeia de Gilgamesh, rei de Uruk.



Nas fontes²⁶ a divindade era sempre apresentada como uma jovem mulher, raramente era tratada como mãe. Podendo ser relacionada a grupos de mulheres solteiras, no início da puberdade ou entre a consumação do casamento. Por isso, o conteúdo poético das canções sumerianas cumpririam os valores tradicionais das relações conjugais harmônicas, que teriam como base a satisfação sexual.²⁷

Gwendolyn Leick acredita que os indivíduos da sociedade mesopotâmica compreenderam muito bem a natureza ambígua do amor sexual, pois nele colocaram nesses seus valores culturais, utilizando-se de metáforas para se referir ao ato sexual, ao amor e ao desejo²⁸, principalmente exemplos da fauna e da flora²⁹ para representá-lo.

A estudiosa acredita ainda, que os hinos não seriam simples canções folclóricas, mas composições literárias, utilizadas no culto e, portanto deveriam estar de acordo com as convenções literárias e expectativas. Daí as canções utilizarem metáforas para o ato sexual, entre eles o jardim. Essa relação com o jardim, foi uma constante nas narrativas de Inanna, fosse no desejo proibido que acabou em violência sexual no mito Inanna e Shukaletuda³⁰ ou no que diz respeito A corte de Inanna e Dumuzi³¹.

Gwendolyn Leick esclarece que na Mesopotâmia a linguagem do amor estava repleta de imagens vegetais, “o desejo de entrar no jardim, também significava um desejo de satisfação sexual”³², por isso, o órgão sexual feminino foi comparado a um jardim e o órgão masculino por vezes era relacionado à macieira. Em relação às metáforas, Beate Ponzgratz-Leisten acredita que os textos divinatórios e literários dariam testemunha de uma variedade de figuras de linguagem que seria fundamental para constituir o núcleo simbólico cultural, essências para as religiões do Oriente Próximo.³³

A literatura produzida na Mesopotâmia utilizava-se de eufemismos para figurar o ato sexual, como, por exemplo, arar, que era aplicado para a primeira penetração na vagina. Lã e

²⁶ Inanna e Enki, A corte Inanna e Dumuzi, A árvore de hullupu, entre outros, para mais detalhes ver: KRAMER, S.N.; WOLKSTEIN, Diane. *Inanna queen of heaven and earth: her stories and hymns from sumer*. New York: Harper & Row, 1988, 227p., ou o arquivo digital: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>.

²⁷ LEICK, G. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*, p. 68.

²⁸A autora argumenta que a linguagem do amor foi utilizada em diversos temas, para abordar a cosmogonia e outras práticas sexuais. Ver: LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*.

²⁹ A maioria dos documentos que tratam da temática do amor e erotismo são referentes à textos literários.

³⁰ Este documento relata que *Inanna* teria chegado até os jardins de Shukaletuda e cansada resolvera dormir a sombra de uma árvore. O jardineiro que espionava no outro extremo do jardim, ao ver que a divindade dormia, o jardineiro se aproximou e a violou. Ao despertar *Inanna* percebe o ocorrido e sai em busca de seu agressor despejando várias pragas até encontrá-lo. ETCSL: t. 1.3.3. *Inana e Šu-kale-tuda*. Disponível em: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=c.1.3.3&display=Crit&charenc=gcirc&lineid=c133.1#c133.1>.

Consultado em abril de 2015.

³¹ KRAMER & WOLKSTEIN. *Inanna queen of heaven and earth*, p. 29-49.

³² LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*, p. 74.

³³ PONZGRATZ-LEISTEN. *Sagred Marriages*, p 43.



alface se referiam aos pelos púbicos; ‘regar a alface’ era ter relações sexuais. Outro ponto era a vulva que era encarada como potência sexual e tornou-se o principal foco de erotismo mesopotâmico e ainda, segundo Gwendolyn Leick, também era o principal instrumento de sexualidade feminina.³⁴ De acordo com a estudiosa, esse órgão genital representaria a própria deusa como divindade da sexualidade, explicação essa que justifica a grande quantidade dessas imagens apresentadas nos templos como ex-votos e amuletos.

Um hino, do período de Ur III, dedicado ao rei Šu-Sin (2029-1982), denominado Um balbale para Bau de Šu-Suen³⁵ (Šu-Suen A), compara a vulva a doçura da cerveja:

Meu, a cerveja da taberneira é doce. Como sua cerveja seus órgãos genitais são doces, a cerveja é doce. Como a boca seus órgãos genitais são doces, a cerveja é doce. Sua cerveja diluída, sua cerveja é doce - meu Šu-Suen, que me satisfaz, que me encantou(...).³⁶

Thorkild Jacobsen relaciona o aspecto erótico de Inanna a sua personificação como a estrela do entardecer, pois à noite, “depois do trabalho, mas antes do repouso, é o momento de brincar e dançar”³⁷. Esse era o momento em que a prostituta, assim como a estrela do Entardecer³⁸, saía para a rua em busca de relações sexuais. O autor acredita que essa seria uma característica da noite, e assim ele escreveu:

o da meretriz sair para pegar os clientes entre as pessoas que voltavam do trabalho no campo, e talvez porque fosse uma visão comum ver a prostituta aparecer com a estrela da noite haveria um vínculo entre eles. Inanna era a protetora da meretriz, bem como da cervejaria na qual ela trabalhava.³⁹

Thorkild Jacobsen vai além a sua colocação, ao apontar que a estrela da noite em si seria uma meretriz, solicitando aos céus que esse poder empossaria as prostitutas, chamadas por ele de irmãs de Inanna na terra, o que as tornariam encarnações da deusa, em busca de seu esposo Dumuzi.⁴⁰

De fato, muitas composições dedicadas a essa deusa a comparam com a prostituta, ou com a cervejeira. Um hino dedicado à divindade, disponível no acervo do Corpo Eletrônico de

³⁴ LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*, p. 100.

³⁵ Šu-Sin.

³⁶ ETCSL: c.2.4.4.1, *A balbale para Bau de Šu-Suen (Šu-Suen A)*. Disponível em: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.2.4.4.1#>. Consultado em março de 2015.

³⁷ JACOBSEN, Thorkild. *The Treasures of Darkness: a history of mesopotamian religion*. New Haven and London: Yale University Press, 1976, p. 139.

³⁸ Inanna desde o período de Uruk Antigo (3200 a.C.) era conhecida sobre os epítetos de deusa do Entardecer e do Amanhecer, uma referência ao planeta Vênus.

³⁹ JACOBSEN, T. *The Treasures of Darkness*, p.140.

⁴⁰ _____. *The Treasures of Darkness*, p. 140.



dicotômica, isso porque, num primeiro momento a deidade foi apresentada cumprindo com os protocolos de casamento e bodas, e a autora chega a compará-la a uma jovem noiva encantada com o matrimônio e ansiosa por receber os presentes. Posteriormente, essa descrição foi substituída no discurso de Tikva pela ideia da transgressão, do rompimento com os critérios pré-estabelecidos para a formação familiar.

Ademais, as considerações de Tikva Krymer-Frenky, apontam para uma deusa transviante, rebelde e indisciplinada, e que parece fugir da lógica na qual ela deveria, segundo a autora, teoricamente se encaixar, assim ela afirma que:

Inanna tem um poder enorme, e em certo sentido, tem o controle sobre o céu, a terra, e o senhorio, além de seu papel na guerra, mas seu grande poder e autoridade estão mal definidos. Por ter uma grande variedade de poderes e funções, no entanto, ela não se encaixa em nenhum dos nichos que a sociedade tem previstos para as mulheres.⁴⁷

A esterilidade da potestade, segundo a pesquisadora, seria o elemento indicativo ao motivo de sua maior liberdade, já que não tendo filhos teria muito tempo ocioso sem os afazeres próprios da maternidade. Também, não se enquadrava na típica dona de casa, já que não se ocupava de sua administração, sendo ela “a mulher livre, a mulher cujo estatuto nacional era tão nebuloso que não se podia possivelmente domesticá-la”⁴⁸.

Dessa forma, o estereotipo da divindade dessa maneira, nos faz pensar em nossas próprias relações de gênero, no lugar em que muitos acreditam que ainda hoje esteja reservado às mulheres, ou seja, ao âmbito doméstico, ao lugar de procriação, de confinamento feminino, de espaço delimitado entre os filhos e a organização doméstica. Assim, Inanna não teria uma função econômica (reprodução, administração familiar), pois segundo a pesquisadora “ela não tem um verdadeiro nicho na sociedade. Isso faz com que ela, apesar de sua importância, seja uma figura essencialmente marginal”⁴⁹.

Mas essa marginalidade é aparente, ou talvez mal colocada pela autora, e seria mais correto afirmar que Inanna assumiu características marginais do ponto de vista do observador e dos idealizadores de uma espécie de sociedade patriarcal e linear. No entanto, a sociedade mesopotâmica era multicultural, permeada de contradições e conflitos, e, ao contrário do modelo que separava, essa divindade agregava, reunia e sugeria outras formas de paradigmas, de ações e de ideologias.

⁴⁷ FRYMER-KENSKY, Tikva. *In the Wake of the Goddesses: women, culture, and the Biblical Transformation of Pagan Myth*. New York: Ballantine Books, 1992, p 127.

⁴⁸ _____. *In the Wake of the Goddesses*, p. 127.

⁴⁹ FRYMER-KENSKY. *In the Wake of the Goddesses*, p. 127.



A deusa se apresentava como um elo de diferentes substratos sociais, seus devotos variavam de reis a pessoas comuns, as preces a ela clamada transitavam entre o pedido inflamado do soberano pelo êxito nas campanhas, a destruição dos inimigos e a conquista de novos territórios. Mas, também, agregavam suplicas por justiça aos fracos, um desempenho positivo no intercurso sexual, a conquista de uma mulher casada ou o desejo de que o filho gestado viesse a nascer com as características do marido.

Monarcas, clérigos, mulheres desesperadas, adúlteros, solteiros, casados, pederastas, conquistadores, jovens núbéis e guerreiros, esse era o repertório dos seus devotos, tão variado quanto às personificações da divindade, que não possuía um parâmetro estabelecido para circular, fugindo assim dos modelos que insistentemente tentam lhe imputar. As fontes em que essa deusa aparece como protagonista aponta que ela não se enquadrava, ditava normas comportamentais; não se submetia, conquistava.

Patrona do amor livre⁵⁰, do amor sexual extraconjugal⁵¹, concubina de An⁵², desacreditada e insultada por Gilgamesh⁵³, assim as opiniões de historiadores antigos e atuais refletem se não um machismo radicado, uma relutância em novos olhares sobre o erotismo e as práticas sexuais no âmbito do sagrado e do profano da Mesopotâmia.

Os epítetos e expressões utilizadas para qualificá-la denunciam as múltiplas facetas da divindade e seus muitos domínios, apontam a sexualidade como uma categoria do sagrado e insiste que novos olhares sejam lançados a velhos conceitos. Assim as práticas sexuais, a sensualidade e o erotismo seriam formas de contato e expressão do sagrado, modelos de conduta a ser seguidos.

Percebe-se que a preocupação da sociedade mesopotâmica com atividade sexual era um aspecto cultural, havia inclusive prescrições de como executar o coito, de como certas práticas e posições poderiam tirar a virilidade. Em um texto de magia simpática ou de adivinhações, do período Paleobabilônico (1900-1600 a. C.), há dezenas de formas de se interpretar uma relação sexual, desde os lugares em que elas ocorrem até a posição do intercurso que pode trazer ao seu praticante infortúnios ou sucesso.⁵⁴

⁵⁰ BOTTÉRO & KRAMER. *Cuando los dioses hacían de hombres*.

⁵¹ HOYS. *Historia de las religiones antiguas*.

⁵² LÓPEZ & SANMARTIN. *Mitología y Religión del Oriente Antiguo*

⁵³ CLAY, A. T.; MORRIS, J. Jr. *An Old Babylonian Version of the Gilgamesh Epic on the Basis of Recently Discovered Texts*. New Haven: Yale University Press, 1920, 298p.

⁵⁴ Para mais detalhes ver: PANGAS, J.C. Aspectos de la sexualidade en la Antigua Mesopotamia. *Aula Orientalis*: n.6, 1988, p. 211-226.



Em relação às práticas sexuais e suas formas de contato com o sagrado, Eliade afirmava que a sexualidade sempre foi uma função polivante, cuja valência primeira seria sua função cosmogônica, para ele, traduzir uma situação psíquica em termos sexuais não seria depreciá-la, pois exceto para nosso mundo moderno, “a sexualidade foi sempre e em toda parte uma hierofania e o ato sexual, um ato *integral* (logo, *também* um meio de conhecimento)”⁵⁵.

A sexualidade em todos os seus aspectos seria, dessa forma, uma categoria do sagrado. Ideia da qual compartilhamos, sem, no entanto, limitá-la, pois compreendemos que o sagrado traz múltiplas abordagens, sendo assim, influenciava essa sociedade e era influenciado por ela de forma singular. Entre essas singularidades podemos citar: (1) sua relação com a fertilidade e prosperidade do universo conhecido, não apenas o humano; (2) seu reflexo bumerangue na economia, na política e no cotidiano; (3) sua profunda raiz cultural que emanava das práticas religiosas. A sexualidade nesse sentido era uma função polivalente dentro da esfera do sagrado que permitia ao ser humano interagir com a divindade, em proveito próprio ou da coletividade, como forma de legitimar seu poder e/ou sua submissão.

Portanto, a sexualidade enquanto categoria do sagrado pode ser vista como um caleidoscópio que opera em diversas direções, inclusive se expressava por metáforas de linguagem que se relacionavam ao ambiente nos quais foram produzidas e vivenciadas.

Em relação aos aspectos eróticos e também psicológicos de Inanna, Gwendolyn Leick, nos informa que “ela se tornou a mulher entre os deuses, patrona do erotismo e sensualidade, do amor conjugal, bem como o adultério, de noivas e prostitutas, travestis e pederastas”⁵⁶, ou seja, ela regia o sexo por excelência, daí a ser natural que homens e mulheres sexualmente ativos a procurassem para os mais diversos assuntos.

A autora ainda aponta que a separação entre fertilidade e sexualidade não foi tão clara quanto os documentos podem sugerir, uma vez que há indícios de que Inanna teria sido invocada para ajudar no parto. Além disso, assirióloga acredita que os epítetos descritivos referentes às divindades femininas mesopotâmicas revelariam a percepção cultural das mulheres e seu papel na sociedade antiga⁵⁷.

A literatura dessa divindade era cheia de erotismo, de desejos velados ou explícitos, como esse trecho do mito A corte de Inanna e Dumuzi:

Ele esculpiu meus quadris com suas doces mãos,

⁵⁵ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. 3ª ed. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.10.

⁵⁶ LÓPEZ. & SANMARTIN. *Mitología y Religión del Oriente Antiguo*, p. 47.

⁵⁷ LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*, p. 65.



O pastor Dumuzi encheu meu colo com creme e leite,
Ele acariciou meus pelos púbicos,
Ele aguçou meu útero.
Ele tocou com suas mãos em minha sagrada vulva,
Ele alisou minha nau escura com seu creme,
Ele tocou minha nau estreita com seu leite,
Ele me acariciou-me no leito.
Então eu acariciei o alto sacerdote no leito,
Eu acariciei o fiel pastor Dumuzi,
Eu acariciei seus quadris, a força do pastoreio da terra,
Eu decretei um doce destino para ele.⁵⁸

Inanna foi, portanto, uma deusa ambígua, que acumulou poderes e funções, que rompeu com as esferas pré-estabelecidas do espaço masculino e do lugar para o feminino. Guendolyn Leick acredita que Inanna representava o erotismo presente na vida das cidades, “a qual se aparta do rigoroso controle social da sociedade tribal ou da aldeia. Ela frequentava tavernas e cervejarias, onde homens podiam encontrar mulheres solteiras e dela se dizia que vagava pelas ruas de *Kulaba* em busca de aventuras sexuais”⁵⁹.

A *Épopeia de Gilgamesh*⁶⁰, por exemplo, mostra que as concepções acerca das relações sexuais dos mesopotâmicos iam muito além da referência aos cultos da fertilidade, o ato sexual aparece nesse épico como um ato civilizador nessa sociedade⁶¹, e a civilização e todas as suas matizes eram um aspecto da personalidade divina⁶², pois ele transformava o rústico, o tornava capaz de viver em sociedade, de fazer parte de círculos de amizade e de pertencer a um extrato social.

Por isso seria equivocado apenas relacioná-los ao culto à fertilidade, pois Inanna embora seja evocada como responsável pela reprodução dos seres humanos e da natureza, está longe de ser uma deusa puramente maternal. No trecho que segue, Inanna é chamada de senhora das mulheres, e louvada por sua volúpia e sedução, apontando não só para seu sentido erótico, mas também para sua personificação como doadora de vida:

Cantai a deusa, a mais augusta das deusas!
Glorifique-se a senhora dos povos, a maior entre os Igiu!

⁵⁸ KRAMER & WOLKENSTEIN, *Inanna queen of heaven and earth*, p.44.

⁵⁹ LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*, p.82.

⁶⁰ CLAY & MORRIS. *An Old Babylonian Version of the Gilgamesh Epic on the Basis of Recently Discovered Texts*.

⁶¹ LEICK. *Sex and eroticism in Mesopotamian literature*. Ver também: TIGAY, Jeffrey H. *The evolution of the Gilgamesh epic*. Illinois: Bolchazy-Caducci Publishers, 2002, 298p.

⁶² Segundo Eliade, o homem reproduz o macrocosmo no microcosmo, fazendo do modelo dos deuses um paradigma a ser seguido. Para mais detalhes ver: ELIADE, Micaela. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Perspectivas do Homem/edição 70, 1967.



Cantai a Ishtar, a mais augusta das deusas!
Glorifique-se a senhora das mulheres, a maior entre os Igigu!
Ela que é toda alegria, está revestida de amor,
Está cheia de sedução, encanto e voluptuosidade.
Ishtar, que é toda alegria, está revestida de amor,
Está cheia de sedução, encanto e voluptuosidade.
Doces são seus lábios, sua boca é a vida.⁶³

Essa influência emanava por meio da prática sexual e dos atributos eróticos a ela imputados. Assim, para entender a relação de Inanna com a sexualidade e suas extensões torna-se importante lançar novos olhares à documentação disponível, abordar os elementos da cultura material, mas sem deixar de lado os aspectos relacionados ao sagrado e sua forma de explicação do mundo.

Considerações finais

Para se compreender as formas de sexualidade presentes no culto a Inanna, mais do que direcioná-las ao casamento sagrado, precisamos percebê-los para muito além do culto à fertilidade, como objetos de devoção que estavam relacionados ao mundo divino, o qual justificava sua prática e existência.

Durante muito tempo o olhar dos pesquisadores percebeu o ritual sexual destituído da categoria do sagrado, despindo o manto do divino que existia nessas práticas, o encaravam como uma manifestação primitiva e orgiástica. Esta concepção anula o significado do ritual, dando a ele apenas um estatuto profano quando sua prática e gerência são legítimas.

Essa compreensão do hierogamos como algo sem relação com sagrado foram frutos de muitas concepções modernas e pós-modernas que apresentava a atividade sexual como um meio de reprodução da espécie e uma garantia de herança de bens e tradições construídas em diversos contextos históricos.

Para as culturas mesopotâmicas desde a criação de seus primeiros mitos a prática sexual era uma manifestação da vontade e da criação divina, logo essa atividade era prenhe de força mágica, fazia parte do universo religioso, era fruto da esfera divina. A natureza mágica e espiritual das práticas sexuais na Mesopotâmia não era um dado era um produto de suas crenças. Assim, ao revestir a sexualidade e todas as suas formas com o manto do sagrado, conferia a esta significados metafísicos que os mesopotâmicos compreendiam como uma forma de aproximação e manifestação da divindade.

⁶³ PEINADO, Federico L. *Hinos babilónicos*. Madrid: Tecnos, 1990, p. 29.



Inanna foi uma deusa a qual se aproximava por meios diversos, que se chegava por vários caminhos, entre eles a sexualidade em suas múltiplas facetas, que transgridiam e que se enquadravam, que transformavam homens em mulheres e vice-versa, que transmutava o desejo em uma petição e legitimava toda forma do ato sexual dessa sociedade múltipla.